26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

BIBLIOTERAPIA COMO PRÁTICA FORMATIVA: GÊNERO E ELABORAÇÃO SIMBÓLICA EM "ENSAIOS DE DESPEDIDA"

BIBLIOTHERAPY AS A FORMATIVE PRACTICE: *GENDER AND SYMBOLIC ELABORATION IN "ENSAIOS DE DESPEDIDA"*

Nathália Lima Romeiro – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro /(UNIRIO)
Thalita Cristina Souza-Cruz – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro /(UNIRIO)
Elisamara Gurgel Domingos de Carvalho – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro /(UNIRIO)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O estudo parte da seguinte questão de pesquisa: de que maneira a prática da biblioterapia, no contexto de um curso de Biblioteconomia, pode contribuir para a elaboração de experiências relacionadas à sobrecarga feminina e à colonialidade de gênero, ao mesmo tempo em que fomenta uma formação crítica das/os estudantes? O objetivo geral é investigar as contribuições da prática biblioterapêutica desenvolvida na graduação em Biblioteconomia, a partir da leitura mediada da obra Ensaios de Despedida, para a formação crítica e a elaboração de experiências relacionadas a gênero e saúde mental. Como objetivos específicos, contempla: a) discutir os fundamentos teóricos da biblioterapia enquanto prática de leitura dirigida e mediada, enfatizando seus componentes terapêuticos e suas interfaces com a saúde mental, e b) analisar os impactos da experiência biblioterapêutica nas percepções de estudantes, identificando processos de reconhecimento, elaboração emocional e problematização das relações de gênero mobilizados pela leitura da obra. Justifica-se pela necessidade de compreender a leitura literária como espaço de cuidado, elaboração simbólica e problematização das desigualdades de gênero no âmbito formativo. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com aplicação de formulário on-line após prática realizada em sala de aula. Os resultados evidenciam processos de identificação e reflexão a partir das experiências compartilhadas, fortalecendo a formação crítica.
Palavras-chave: biblioterapia; leitura; Ensaios de despedida; gênero.

Abstract: This study is guided by the following research question: in what ways can the practice of bibliotherapy, within the context of an undergraduate Library Science program, contribute to the elaboration of experiences related to female overload and the coloniality of gender, while simultaneously fostering students' critical development? The general objective is to investigate the contributions of a bibliotherapeutic practice developed in the Library Science undergraduate program, based on the mediated reading of the book Ensaios de Despedida, to critical education and to the elaboration of experiences related to gender and mental health. The specific objectives are: (a) to discuss the theoretical foundations of bibliotherapy as a practice of guided and mediated reading, emphasizing its therapeutic components and its interfaces with mental health; and (b) to analyze the impacts of the bibliotherapeutic experience on students' perceptions, identifying processes of recognition, emotional elaboration, and problematization of gender relations mobilized through the reading of the book. The study is justified by the need to understand literary reading as a space of care, symbolic elaboration, and critical engagement with gender inequalities in educational contexts. This is a qualitative, exploratory study, based on the application of an online questionnaire after a classroom practice. The results highlight processes of identification and reflection emerging from shared experiences, strengthening critical formation.
Keywords: bibliotherapy; reading; Ensaios de Despedida; gender.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a literatura tem sido compreendida como um espaço de cuidado e elaboração da experiência humana. No Egito Antigo, os livros chegaram a ser considerados "remédios para a alma" e, em certos contextos, eram indicados como parte de tratamentos médicos. Essa percepção não se perdeu no tempo. Ao contrário, foi sendo retomada e aprofundada por diferentes campos do conhecimento. Hoje, a investigação sobre os efeitos da leitura na saúde, especialmente na saúde mental, mobiliza não apenas os estudos literários, mas também a área da saúde e a Biblioteconomia, sobretudo quando se busca compreender como a humanidade de um ser pode ser narrada, interpretada e analisada (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021).

Nesse contexto, consolida-se a biblioterapia como prática que se vale da leitura literária para promover reflexão e favorecer encontros entre leitoras e textos que abordam conflitos, perdas, afetos e processos de reconstrução (Caldin, 2024). A leitura, nesse sentido, pode contribuir para a elaboração emocional, para o fortalecimento da autoestima e para a reconstrução identitária. Em uma sociedade marcada por desigualdades e opressões de gênero, classe, raça e condição humana (pessoas com e sem deficiência), a biblioterapia também permite tensionar narrativas hegemônicas e ampliar formas de compreender a si e ao mundo, como uma prática que articula cuidado e crítica social.

Ressalta-se, no entanto, que não se trata de uma perspectiva idealista ou ferramental da literatura, mas de uma perspectiva que compreende que, ao entrar em contato com o mundo narrativo literário, o leitor modifica sua compreensão do mundo, de si mesmo e do outro; trabalha, portanto, seja direta ou indiretamente, a empatia, a criatividade, a construção da subjetividade e da alteridade. Ao direcionar a leitura, a biblioterapia foca nessa construção subjetiva e conhecimento de si, auxiliando em questões de autoconhecimento e saúde mental.

O trabalho com diferentes gêneros literários — contos, cartas, poemas, romances — revela-se potente não só para a promoção de bem-estar, mas, sobretudo, para possibilitar o encontro com aquilo que ainda não foi nomeado: a falta, a incerteza, o desamparo. A literatura alcança zonas da experiência que, muitas vezes, escapam à linguagem acadêmica, permitindo o contato com sentimentos e sensações "escamoteadas em uma sociedade comprometida com a busca desenfreada pelo prazer e pela satisfação dos desejos" (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021, p. 3). Nesse processo, tanto participantes quanto mediadores são afetados e transformados, o que evidencia o caráter relacional da prática.

Ao aproximar essa perspectiva das reflexões de bell hooks (2021) sobre educar para a comunidade, é possível compreender a biblioterapia como uma experiência formativa que ultrapassa os limites da sala de aula. As leituras e discussões realizadas em grupo reverberam em outros espaços, ampliando o debate e favorecendo novas formas de reflexão. Não se trata de instrumentalizar a literatura, mas de reconhecer sua capacidade de acessar dimensões subjetivas que dificilmente emergiriam por outras vias. Ao possibilitar a identificação com outras vivências, a leitura favorece o reconhecimento de si e da dor do outro, fortalecendo a alteridade e a empatia, aspectos que hooks considera centrais para a construção de ambientes de ensino e aprendizagem mais saudáveis.

É nesse cruzamento entre cuidado, formação e crítica social que se situa este estudo. Parte-se da seguinte questão: de que maneira a prática da biblioterapia, no contexto de um curso de Biblioteconomia, pode contribuir para a elaboração de experiências relacionadas à sobrecarga feminina e à colonialidade de gênero, ao mesmo tempo em que fomenta uma formação crítica das/os estudantes?

Para responder a essa pergunta, este estudo tem o objetivo geral de investigar as contribuições da prática biblioterapêutica desenvolvida na graduação em Biblioteconomia, a

partir da leitura mediada da obra Ensaios de Despedida, para a formação crítica e a elaboração de experiências relacionadas a gênero e saúde mental. Como objetivos específicos, contempla: a) discutir os fundamentos teóricos da biblioterapia enquanto prática de leitura dirigida e mediada, enfatizando seus componentes terapêuticos e suas interfaces com a saúde mental; e b) analisar os impactos da experiência biblioterapêutica nas percepções de estudantes, identificando processos de reconhecimento, elaboração emocional e problematização das relações de gênero mobilizados pela leitura da obra.

A atividade foi realizada ao longo de cinco aulas, a partir da leitura da obra Ensaios de Despedida, de Elisama Santos (2025), que aborda temas como a sobrecarga das mulheres, a maternidade e as identidades associadas ao feminino.

A escolha do livro se justifica tanto pela atualidade e relevância dos temas (gênero, maternidade, solidão feminina) quanto por sua forma narrativa, estruturada a partir de cartas escritas pela personagem principal Cristina, o que favorece processos de identificação e escrita de si. Além disso, a análise é orientada pela crítica à colonialidade de gênero, entendida como uma operacionalização histórica e estrutural da interseccionalidade (Lugones, 2020; Núñez, 2023). Assim, o estudo busca contribuir para a reflexão sobre formas contemporâneas de opressão que atravessam a experiência das mulheres, destacando a literatura como espaço de resistência, cuidado e imaginação de outros modos de existir.

2 LEITURA E BIBLIOTERAPIA

O papel central da leitura literária na constituição da subjetividade e na construção identitária é apontado por diversos especialistas (Candido, 2011; Montes, 2020; Petit, 2009, entre outros). Em geral, os autores apontam que a literatura não atua apenas como entretenimento ou instrumento pedagógico, mas como espaço de produção de sentidos sobre si e sobre o mundo. Antonio Candido argumenta a favor da função humanizadora da literatura, defendendo-a enquanto um direito fundamental do (que é) ser humano. Nas palavras do autor, a literatura permite “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções” (Candido, 2011, p.182).

Essa mesma perspectiva é defendida na obra de Petit (2009), para quem a leitura literária permite ao sujeito a reorganização de suas experiências internas – além da possibilidade de reconstrução de sentidos, sobretudo diante das adversidades da vida. Em sua obra, a autora trabalha com jovens negros da periferia de Paris, mostrando como o acesso à

literatura permite a elaboração de suas situações e a busca por soluções para as condições em que vivem. Segundo Petit, os livros oferecem “moradas provisórias” que auxiliam o leitor a nomear afetos, acessar memórias e reinventar a própria trajetória. A autora mostra, portanto, que, em contextos marcados por sofrimento, exclusão ou silenciamento, a literatura pode constituir-se como espaço simbólico de resistência e sobrevivência subjetiva. Da mesma maneira, Teresa Colomer (2007) ressalta que a literatura favorece a construção da identidade ao ampliar o repertório simbólico dos leitores e possibilitar o contato com diferentes modos de viver, sentir e interpretar a realidade. Ao experienciar múltiplas vozes e perspectivas, o leitor desenvolve não somente competências interpretativas, mas também formas mais complexas de compreender a si mesmo e ao outro.

Nessa direção, Graciela Montes (2020) compreende a literatura como território de liberdade imaginativa e de construção de sentidos, defendendo que o texto literário permite ao leitor “buscar indícios” sobre si e sobre o mundo. A experiência literária, portanto, produz deslocamentos subjetivos ao romper com visões cristalizadas da realidade e ao abrir espaço para a imaginação, a alteridade e a reflexão crítica. No âmbito da Biblioteconomia, a biblioterapia não se configura como prática clínica, mas como abordagem pedagógica que reconhece a leitura literária como dispositivo de elaboração simbólica e formação crítica.

Diferentemente das intervenções terapêuticas desenvolvidas no campo da saúde, sua aplicação no contexto formativo concentra-se na mediação da leitura como experiência reflexiva, capaz de mobilizar sentidos, afetos e posicionamentos éticos. Trata-se, portanto, de uma estratégia educativa, cujo objetivo é analisar percepções de impacto subjetivo, sem configurar intervenção clínica, uma vez que essa atribuição compete aos profissionais da Psicologia. A intenção é articular literatura, subjetividade e mediação cultural, de modo que futuros bacharéis e licenciados em Biblioteconomia também possam atuar como agentes de cuidado simbólico.

Nessa perspectiva, Graciela Montes (2020) compreende a literatura como território de liberdade imaginativa e construção de sentidos, no qual o leitor pode “buscar indícios” sobre si e sobre o mundo. A experiência literária promove deslocamentos subjetivos ao tensionar certezas e abrir espaço à imaginação, à alteridade e à reflexão crítica. Ler, assim, implica interpretar e reinterpretar a própria experiência. Essa concepção dialoga com a biblioterapia ao enfatizar que a leitura mediada favorece processos como identificação, introspecção e

elaboração emocional (Caldin, 2024). Ao reconhecer-se nas narrativas e compartilhar interpretações, os sujeitos produzem sentidos sobre suas vivências, fortalecendo o autoconhecimento e o pertencimento. Nessa perspectiva, a palavra literária opera como espaço de simbolização, permitindo que experiências difusas ou silenciadas sejam nomeadas e dialogadas.

Derivada de *biblion* (livro) e *therapeia* (cuidado), a biblioterapia constitui-se como prática de cuidado mediada pela leitura, orientada à promoção do bem-estar emocional (Ouaknin, 1996). Conforme Caldin (2001; 2024), fundamenta-se em processos psíquicos como identificação, projeção, introjeção, catarse e introspecção, possibilitando ao participante reorganizar internamente experiências de vida. No contexto da formação biblioteconômica, esse cuidado assume dimensão epistemológica e ética, contribuindo para problematizar violências simbólicas, como as de gênero, por exemplo, e para consolidar uma atuação profissional sensível às dimensões subjetivas da mediação da leitura.

3 ENSAIOS DE DESPEDIDA*:* MATERNIDADE COMPULSÓRIA E ESTEREÓTIPO DE GÊNERO

Em Ensaios de Despedida, Elisama Santos constrói a trajetória de Cristina, uma mulher negra, advogada, mãe e esposa, por meio de cartas escritas à filha ao longo de dezesseis anos e nunca entregues. Nelas, a personagem elabora aquilo que dificilmente encontra espaço na vida cotidiana: o cansaço, a ambivalência, o desejo de partir, os amores não vividos e a culpa por não corresponder integralmente ao ideal de mãe. Nesse sentido, o conflito narrado pela personagem expõe o descompasso entre a experiência concreta da maternidade e o modelo normativo que a organiza socialmente.

A leitura da obra, à luz da teoria feminista, permite compreender o patriarcado como estrutura histórica de poder. Como afirma hooks (2020), trata-se de um sistema sustentado por “pactos de masculinidade” que atravessam classe e raça, legitimando a dominação masculina e naturalizando hierarquias. Essa dominação não se expressa somente em formas explícitas de violência, opera também em expectativas afetivas e morais que regulam o que uma mulher pode ou não desejar. A própria legislação brasileira, ao reconhecer a violência doméstica como problema estrutural, evidencia, através da Lei Maria da Penha que as desigualdades de gênero são parte de um processo histórico de reprodução do poder (Brasil, 2006).

Nesse contexto, a maternidade ocupa lugar central. Socializadas para o cuidado e para a centralidade doméstica, muitas mulheres internalizam a ideia de que a realização feminina passa necessariamente pelo exercício da maternidade. Nessa condição, a sobrecarga que atravessa a experiência de Cristina não decorre de incapacidade individual, mas da divisão sexual do trabalho que atribui às mulheres a responsabilidade quase exclusiva pela manutenção da vida doméstica, sobretudo no contexto da família nuclear, sejam essas responsabilidades de ordem física e emocional. A culpa materna funciona, assim, como dispositivo disciplinador: admitir frustração ou desejar autonomia torna-se moralmente suspeito.

A definição de gênero proposta por Scott (2019, p. 67), como "uma forma fundamental de significar as relações de poder", ajuda a compreender essa engrenagem. O gênero não só descreve diferenças entre homens e mulheres; ele estrutura símbolos, normas e instituições. Representações como as de Eva e Maria, por exemplo, consolidam modelos contraditórios de feminilidade (a pecadora e a santa) que continuam a moldar expectativas sobre o que significa ser uma "boa mãe". Nessa perspectiva, a centralidade da figura da "mulher-mãe" reforça esse enquadramento e pode, inclusive, produzir essencializações ao vincular autoridade e valor feminino à experiência materna.

A interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Collins; Bilge, 2021) amplia essa análise ao demonstrar que a maternidade não é vivida de forma homogênea. Classe, raça, idade, localização geográfica e sexualidade reorganizam profundamente essa experiência. As pautas evidenciadas durante a "Década das Mulheres" (1975–1985), entre elas "anticolonialismo, luta antirracista, valorização do trabalho doméstico, [...] direitos reprodutivos" (Zirbel, 2021, p. 18) já apontavam que a opressão de gênero assume contornos distintos conforme a posição social das mulheres.

Complementar a isso, a noção de colonialidade de gênero (Lugones, 2020) é uma lente teórica que radicaliza essa leitura ao situar a própria categoria "mulher" no interior do projeto moderno-colonial. A imposição da maternidade como destino natural integra uma racionalidade que articulou hierarquias raciais e sexuais, definindo quem deve cuidar e quem pode exercer poder. Nessa direção, a naturalização do cuidado como atributo feminino sustenta uma economia moral que responsabiliza as mulheres pela reprodução da vida e invisibiliza a responsabilidade coletiva.

Essa lógica articula-se ao patriarcado, compreendido como sistema histórico-estrutural (Lerner, 2019) que privilegia modelos de masculinidade associados à autoridade, ao controle e à heteronormatividade (Bola, 2021). As reações às transformações sociais, frequentemente qualificadas como "crise da masculinidade", evidenciam a dificuldade de reelaborar identidades masculinas fora do paradigma da dominação. Nesse cenário, as assimetrias persistem: enquanto a maternidade permanece como critério recorrente de julgamento público, a paternidade raramente é submetida ao mesmo grau de escrutínio. Tal dinâmica confirma, como argumenta Connell (2016), a onipresença do gênero na organização da vida social, estruturando expectativas, responsabilidades e regimes de valor, aspectos também percebidos na leitura do livro de Elisama Santos.

É nesse horizonte que Ensaios de Despedida adquire densidade analítica. Ao dar voz à ambivalência de Cristina, a obra desestabiliza a imagem da mãe plenamente realizada e evidencia que o sofrimento materno é atravessado por relações históricas de poder. A dificuldade de nomear esse sofrimento sem culpa não constitui um drama estritamente individual, mas o efeito de uma ordem social que ainda vincula o valor da mulher à sua capacidade de cuidar, suportar e permanecer. Assim, a narrativa literária funciona como campo privilegiado de problematização das articulações entre gênero, maternidade e poder, articulações que fundamentam esta pesquisa. Na seção seguinte, serão apresentados os procedimentos metodológicos que orientam a investigação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, com delineamento exploratório, tendo em vista que busca compreender sentidos produzidos por participantes diante de uma experiência específica de leitura literária com fins biblioterapêuticos. O corpus é constituído pelas respostas de discentes da disciplina *Biblioteconomia e Leitura* a um formulário on-line aplicado após a realização da prática em sala de aula, centrada na obra *Ensaios de Despedida*. As perguntas estão sintetizadas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Questões para avaliação da prática biblioterapêutica

Pergunta 1	Referente ao consentimento para participação da pesquisa
Pergunta 2	Você é aluno da Unirio?
Pergunta 3	O que você compreende como atividade biblioterapêutica?

Pergunta 4	Antes da atividade realizada em sala, você já havia participado de alguma atividade biblioterapêutica?
Pergunta 5	Na sua opinião, em que medida a literatura literária de forma direcionada pode auxiliar questões de saúde mental?
Pergunta 6	Você participou da atividade realizada em sala?
Pergunta 7	Na sua opinião, a atividade realizada pode ser considerada uma atividade com fins terapêuticos?
Pergunta 8	Quais os temas que, na sua opinião, foram abordados na obra?
Pergunta 9	A partir da sua experiência, como você acha que a leitura da obra te impactou?

Fonte: elaboração própria (2026).

A aposta teórico-metodológica que sustenta este trabalho parte da compreensão de que a literatura expande os horizontes do imaginável, perspectiva amplamente defendida por estudiosos da literatura, como Candido (2002; 2011), amplo defensor de uma perspectiva que não trate a literatura como mero instrumento pedagógico ou ferramental, mas como um direito humano básico, que possibilita a elaboração simbólica da experiência e a ampliação da sensibilidade. Da mesma maneira, retoma-se Montes (2010) e Castrillón (2011), que entendem a literatura como espaço de liberdade, questionamento e construção de sentidos, capaz de deslocar o leitor de perspectivas cristalizadas e promover experiências de alteridade. Assim, a literatura é aqui concebida como prática estética e social que, ao expandir o imaginável, contribui para a formação de sujeitos mais críticos, sensíveis e abertos à complexidade do mundo.

Como anteriormente explicitado, a prática se insere nas atividades propostas pela disciplina “Biblioteconomia e Leitura”, que objetiva discutir a importância da leitura de maneira geral, enfatizando o papel da leitura literária e das práticas biblioterapêuticas enquanto possibilidade de atuação para o futuro bibliotecário e licenciado em biblioteconomia, sobretudo no tratamento de temas sensíveis e complexos, como questões relacionadas a gênero e maternidade.

Inicialmente, foi apresentado o conceito de leitura a partir de uma abordagem histórico-cultural e discursiva (**aulas 1** e **2**); na sequência (**aulas 3 e 4),** os alunos tiveram contato com o conceito de biblioterapia e biblioterapia antirracista, além de conhecerem uma prática já em uso. A **aula 5** foi dedicada a abordar questões de gêneros através da prática biblioterapêutica analisada, composta da seguinte maneira:

i) atividade de relaxamento para “aterramento” dos alunos;

ii) leitura coletiva do primeiro capítulo da obra;

iii) roda de conversa *direcionada*.

Ressalte-se que a obra foi apresentada aos alunos apenas na hora da aula, a fim de garantir seu ineditismo. Após a atividade, foi disponibilizado aos alunos o formulário on-line já apresentado neste artigo. Os dados aqui analisados foram selecionados destas respostas. Por se tratar de uma pesquisa exploratória desenvolvida em uma disciplina, o formulário foi respondido de forma voluntária e anônima. Por isso, obteve-se uma taxa de resposta de 61,9%, correspondente a 13 participantes entre os 21 discentes da turma, sem comprometer a análise qualitativa do grupo. Como limitação, reconhece-se que não foi realizado um levantamento sociodemográfico detalhado dos participantes, como gênero, faixa etária e identidades étnico-raciais, aspecto que poderá ser incluído em estudos futuros.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da atividade 21 alunos dos cursos de Biblioteconomia (bacharelado e licenciatura) e responderam ao formulário (61,9%), configurando-se como uma amostra representativa. Deste total, a maioria (69,2%) nunca havia participado de uma sessão de biblioterapia.

Com relação à biblioterapia enquanto prática terapêutica, todos os participantes (100%) acreditam que se trata de uma atividade com fins terapêuticos (pergunta 7) e, em sua maioria definem-na como uma prática que se vale da leitura literária para o tratamento de temas sensíveis e que promovem o diálogo, o que pode ser ilustrado nas respostas abaixo:

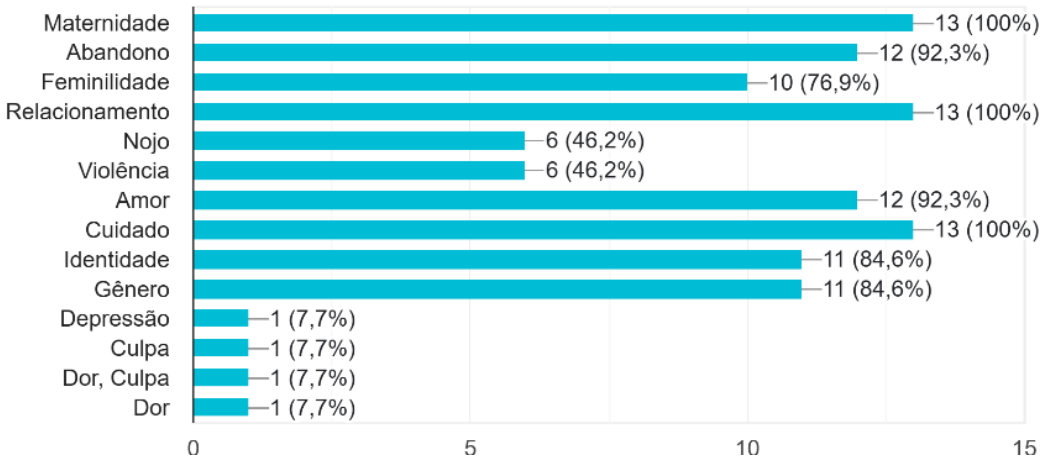
> Uma atividade biblioterapêutica é uma prática que utiliza a leitura para promover reflexão, identificação e expressão emocional. Focando na relação do sujeito com a narrativa, mobilizando sentidos, sentimentos e vivências. Nesse processo, os participantes interpretam, compartilham e ressignificam experiências a partir da leitura. O foco não está no livro em si, mas nos efeitos produzidos no sujeito contribuindo para o autoconhecimento, o desenvolvimento emocional e a construção de vínculos (RES 3).
>
> Na minha opinião, pode ajudar bastante, principalmente porque a literatura permite que a pessoa se identifique com personagens e situações, o que pode facilitar o entendimento dos próprios sentimentos. Quando a leitura é direcionada, ela consegue tocar em questões específicas, ajudando na reflexão, no alívio emocional e até na sensação de não estar sozinho. Além disso, o momento de conversa depois da leitura também é muito importante, porque permite troca de experiências e acolhimento (RES12).

Conforme expresso em RES3, a prática foi compreendida como atividade que mobiliza reflexão, identificação e expressão emocional, deslocando o foco do objeto livro para os efeitos simbólicos produzidos no sujeito. Tal percepção converge com a formulação de Ouaknin (1996), para quem a leitura constitui espaço de cuidado mediado pela palavra, e com Caldin (2001; 2024), que define a biblioterapia como prática ancorada em processos psíquicos como identificação, projeção e introspecção.

A ênfase, presente em RES12, na identificação com personagens e no compartilhamento coletivo posterior à leitura, reforça a dimensão dialógica da prática. Nesse aspecto, observa-se consonância com a compreensão de Montes (2020), que entende a literatura como território de liberdade imaginativa no qual o leitor busca "indícios" sobre si e sobre o mundo. A leitura dirigida, associada ao momento de troca, potencializa esse movimento interpretativo, convertendo a experiência estética em experiência relacional. Assim, a biblioterapia, no contexto formativo, não opera como intervenção clínica, mas como dispositivo pedagógico que cria condições para a simbolização coletiva de experiências individuais.

Quanto à temática, foi perguntado aos participantes quais as temáticas que eles acreditavam ser tratados na obra, sintetizadas no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Quais dos temas foram abordados na obra



Fonte: dados da pesquisa (2026).

O gráfico indica que, entre os respondentes, os temas mais reconhecidos na obra foram **maternidade, relacionamento e cuidado**. Em seguida, destacam-se **abandono** e **amor**, evidenciando a centralidade das dimensões afetivas e familiares na recepção da leitura.

Identidade e **gênero** também estão presentes, seguidos por **feminilidade**, o que reforça a percepção dos estudantes acerca das questões subjetivas e sociais mobilizadas pela narrativa. Já **nojo**, **violência**, **depressão, culpa e dor** apareceram de forma pontual, indicando menor associação direta desses temas à obra. De modo geral, os dados evidenciam que a leitura foi predominantemente interpretada a partir das categorias relacionadas à maternidade, às relações afetivas e às construções de gênero.

Por fim, foi perguntado aos participantes sobre o impacto que a atividade teve sobre eles. Selecionamos abaixo algumas respostas que, a nosso ver, demonstram a importância da biblioterapia também no curso de Biblioteconomia:

> Me emocionei durante a leitura da obra em sala. Acredito que muitos de nós vivemos com mães como a Cristina. Não mães que realmente abandonam suas famílias, mas mães que se perderam na maternidade e em seus relacionamentos amorosos. Mulheres. Que um dia já foram meninas e adolescentes cheias de sonhos e desejos e que colocam isso de lado para interpretar papeis que lhe são exigidos silenciosamente, deixando de lado a sua singularidade como ser humano. Achei um tema super interessante e gostei de ouvir os relatos similares e diferenciados dos alunos. (RES1)

> A leitura da obra me impactou, apesar de tudo, como mulher que convive com outras mulheres da minha família que passam por situações semelhantes às apresentadas no capítulo trabalhado em aula. Foi marcante perceber a dor de uma mãe que não se sente livre para viver como gostaria e, ao mesmo tempo, entender que a decisão de partir também carrega sofrimento, especialmente pelo vínculo com a filha, algo que fica evidente na carta, marcada por cuidado e preocupação. (RES 3)

> Me senti culpado como filho. Poderia ter sido melhor pra minha mãe, mesmo sem saber como. E sentir esse desejo de abandono em busca de liberdade, mesmo que isso envolva sacrificar a família. (RES6)

> Me impactou em identificar, através dessa leitura, as vivências familiares dos meus colegas serem parecidas com as minhas. Principalmente, sobre os cuidados maternos como uma função social. Me impactou também em ver o esquecimento da identidade dessas mulheres que são mães, e o que quanto essa perda de identidade acontece em outros lares. (RES7)

No que se refere ao impacto da atividade, os relatos mostram, com nítidez, a ativação de processos descritos por Caldin (2001; 2024), especialmente a identificação e a introspecção. Em RES1, a personagem Cristina deixa de ser apenas ficção e passa a funcionar como espelho de experiências familiares reais. A leitura atravessa a memória da participante e reorganiza sua compreensão da maternidade, confirmando o que Candido (1995) aponta

como função humanizadora da literatura: ampliar a percepção da experiência humana e tensionar julgamentos previamente cristalizados.

O mesmo relato evidencia a maternidade como papel socialmente imposto, frequentemente associado ao apagamento da singularidade feminina. Essa percepção dialoga com Lugones (2020), ao situar a naturalização da maternidade no interior da colonialidade de gênero, que fixa expectativas normativas para as mulheres. Ao reconhecer que muitas "meninas cheias de sonhos" tornam-se mulheres que silenciam seus próprios projetos, a estudante realiza um movimento de desnaturalização que é central à prática biblioterapêutica enquanto exercício crítico.

Em RES3, aparece a ambivalência da maternidade, a dor de permanecer e a dor de partir. Ao nomear essa tensão, rompe-se a idealização da figura materna, em consonância com Lerner (2019), que compreende o patriarcado como sistema histórico que organiza simbolicamente os papéis de gênero. Já em RES6, a leitura mobiliza culpa filial e o reconhecimento do próprio desejo de liberdade, evidenciando que a experiência também desloca subjetividades masculinas. Em RES7, o reconhecimento da maternidade como função social reforça essa dimensão estrutural. O que parecia experiência isolada revela-se padrão compartilhado, confirmando que o gênero atravessa a organização da vida social (Connell, 2016) e sustenta modelos normativos que associam feminilidade ao cuidado e masculinidade à autoridade (Bola, 2021).

Do ponto de vista biblioterapêutico, os relatos evidenciam a articulação entre identificação, projeção e catarse (Caldin, 2001; 2024). A prática foi mobilizada em um espaço protegido para a expressão de afetos e para a ressignificação de experiências. Nessa partilha de vivências, o sofrimento individual foi reconhecido como atravessado por estruturas mais amplas que a história de vida individual. Nesse movimento, confirma-se a perspectiva de Montes (2020) de que a literatura produz deslocamentos subjetivos ao abrir fissuras em visões naturalizadas da realidade.

Importa ressaltar, em consonância com a própria natureza da biblioterapia no campo da Biblioteconomia, que a prática não assume um caráter clínico, mas sim um dispositivo pedagógico de cuidado simbólico e formação crítica. Desse modo, as análises aqui apresentadas debruçam-se sobre as percepções de impacto e elaboração simbólica relatadas pelos estudantes. Ademais, embora a recepção da obra tenha se mostrado

predominantemente acolhedora, as respostas revelam tensões subjetivas importantes, como o sentimento de culpa filial e o incômodo diante do desejo de ruptura parental (ilustrado em RES6), evidenciando que a prática biblioterapêutica também mobiliza afetos desestabilizadores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a questão que orientou este estudo: compreender de que maneira a biblioterapia, no curso de Biblioteconomia, pode contribuir para a elaboração de experiências relacionadas à sobrecarga feminina e à colonialidade de gênero, ao mesmo tempo em que fortalece uma formação crítica, os resultados permitem afirmar que a experiência analisada respondeu a esse problema.

A leitura mediada não se restringiu à interpretação estética da obra, mas desencadeou movimentos de reconhecimento e deslocamento. Estudantes identificaram, em suas próprias histórias de vida, marcas da naturalização do cuidado e do apagamento feminino, passando a compreendê-las como fenômenos estruturais, e não como falhas individuais. Esse deslocamento do plano privado para o plano social indica que a prática cumpriu seu papel formativo ao tensionar percepções cristalizadas e ampliar o repertório crítico sobre gênero e saúde mental.

A pesquisa demonstra, ainda, que a Biblioteconomia transcende a dimensão técnica do processamento e da circulação da informação, que é de fundamental importância, configurando-se também como um espaço qualificado para a elaboração simbólica, o reconhecimento intersubjetivo e a ressignificação de experiências frequentemente marcadas pelo silenciamento e pela sobrecarga emocional. Nesse sentido, a proposta interventiva apresentada não se reduz a um protocolo, mas afirma a biblioterapia como campo de atuação que demanda do futuro profissional competências éticas, sensibilidade social, escuta qualificada e leitura das estruturas que atravessam a experiência dos sujeitos. Como encaminhamento para pesquisas futuras e para superar as limitações deste estudo, recomenda-se a realização de investigações que acompanhem os efeitos dessas práticas ao longo do tempo. Também se sugere o desenvolvimento de estudos comparativos entre diferentes instituições.

Ao evidenciar como narrativas literárias podem tensionar naturalizações e tornar visíveis desigualdades de gênero, as análises indicam que o enfrentamento à violência de

gênero requer ações articuladas nos planos estrutural e simbólico, sendo este último um espaço em que o profissional da informação pode atuar de maneira decisiva. É precisamente nesse plano simbólico que a experiência realizada se inscreve. Mais do que interpretar um texto, o grupo constituiu um espaço de escuta, partilha e reconhecimento mútuo. A atividade aproximou-se, assim, da perspectiva de bell hooks (2021), ao conceber a sala de aula como comunidade de aprendizagem, em que o diálogo fortalece vínculos, produz consciência crítica e converte o conhecimento em prática coletiva de cuidado e emancipação.

REFERÊNCIAS

BOLA, JJ. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada. Tradução de Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 14 abr. 2026.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Ideias, 2024.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: https://biblio.direito.ufmg.br/wp-content/uploads/2021/07/36-Texto-do-Artigo-17815-1-10-20080811.pdf. Acesso em: 14 abr. 2026.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *In*: CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p. 81-90.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero em termos reais**. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. Tradução de Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Tradução de Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JUNQUEIRA, Luan Felipe de Souza; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Psicologia, literatura e saúde mental. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 10, p. 1-16, 2021. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/17404. Acesso em: 19 mar. 2026.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

MONTES, Graciela. **Buscar indícios, construir sentidos**. Salvador: Selo Emília; Solisluna, 2020.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Loyola, 1996.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Elisama. **Ensaio de despedida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2025.